

CONTRIBUIÇÕES DAS PESQUISAS DA FUNDAJ SOBRE AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO (FORMAL E INFORMAL) NOS ÚLTIMOS 10 ANOS

Manuela D`arc da Silva¹

Universidade Federal de Pernambuco. Email: manu-darc@hotmail.com

Resumo: Este trabalho é proveniente de uma pesquisa de iniciação científica-PIBIC-CNPq, que versa sobre as “Contribuições das Pesquisas da Fundaj sobre as Relações Étnico-Racial na Educação nos Últimos 10 anos. Partimos de quatro pressupostos. O primeiro compreende que a Fundaj é uma instituição de pesquisa que tem contribuído com a produção intelectual em Pernambuco, no Nordeste e no Brasil como um todo. O segundo é a compreensão de que a Fundaj, como qualquer instituição de pesquisa, é constituída de uma pluriversidade, isto é, de um universo diverso de correntes teóricas. Terceiro que a sua pluriversidade leva a disputas epistêmicas. Quarto que devido sua trajetória de instituição de pesquisa muito tem a contribuir para a discussão da Educação das Relações Étnico-raciais. A investigação tem por objetivo geral compreender a contribuição das pesquisas da Fundaj sobre a Relação Étnico-Racial na Educação. Os objetivos específicos são: a) identificar e caracterizar os problemas, os objetos, os sujeitos e campos empíricos das pesquisas; b) identificar e caracterizar os marcos teóricos das pesquisas; c) analisar os principais achados das pesquisas. A Abordagem Teórico-Metodológica desta pesquisa são os Estudos Pós-coloniais Latino-americanos (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2008, WASLH, 2007), que colocam em questão os modelos teóricos eurocêntricos e suas metanarrativas, principalmente no que se referem à discussão da Relação Étnico-Racial. Na abordagem adotada frisamos o debate sobre Racionalização e Racialização, Colonialidade e Decolonialidade do Poder, do Saber e do Ser, Interculturalidade, Educação Intercultural e a Pedagogia Decolonial (WASLH, 2007; CANDAU, 2010) e suas relações com a Educação das Relações Étnico-Raciais. A técnica de análise se baseia-se na Análise de conteúdo (BARDIN,1977).Os resultados esperados almeja subsidiar a discursão sobre Educação das Relações Étnico-Raciais com as secretarias de Educação..

Palavras chave: Educação das Relações Étnico-Raciais, Estudos Pós-coloniais, Pesquisas da Fundaj

INTRODUÇÃO

O referente artigo é parte da Pesquisa de Iniciação Científica-PIBIC/CNPq² e versa sobre as “Contribuições das Pesquisas da Fundaj sobre as Relações Étnico-Raciais na Educação (Formal e informal) nos Últimos 10 anos, desenvolvida na UFPE no Centro Acadêmico do Agreste no Núcleo de Formação Docente. A investigação tem por objetivo geral compreender a contribuição das pesquisas da Fundaj sobre as Relações Étnico-Raciais na Educação. Os objetivos específicos são: a) identificar e caracterizar os problemas, os objetos, os sujeitos e campos empíricos das pesquisas; b) identificar e caracterizar os marcos teóricos das pesquisas; c) analisar os principais achados das pesquisas. Partimos de quatro pressupostos. O primeiro compreende que a Fundaj é uma instituição de pesquisa que tem contribuído com a produção intelectual em Pernambuco, no Nordeste e no Brasil como um

¹Graduanda em Pedagogia, bolsista PIBIC-CNPq, membro do Grupo de Estudos Pós-Coloniais e Teoria da Complexidade em Educação e membro do Grupo de Estudo de Gênero, Sexualidade e Práticas Educativas, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

² Esta pesquisa é de orientação do Professor Dr. Janssen Felipe da Silva.

tudo. O segundo é a compreensão de que a Fundaj, como qualquer instituição de pesquisa, é constituída de uma pluriversidade, isto é, de um universo diverso de correntes teóricas. Terceiro que a sua pluriversidade leva a disputas epistêmicas. Quarto que devido sua trajetória de instituição de pesquisa muito tem a contribuir para a discussão da Educação das Relações Étnico-raciais. Por isso elaboramos a seguinte questão a ser investigada: quais perspectivas teóricas têm orientado as pesquisas que tratam da relações étnico-raciais em educação na Fundaj e quais as suas contribuições?

A Abordagem Teórico-Metodológica desta pesquisa são os Estudos Pós-coloniais (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2008, WASLH, 2007), que colocam em questão os modelos teóricos eurocêtricos e suas metanarrativas, principalmente no que se referem à discussão da Relação Étnico-Racial. Na abordagem adotada frisamos o debate sobre Racionalização e Racialização, Colonialidade e Decolonialidade do Poder, do Saber e do Ser, Interculturalidade, Educação Intercultural e a Pedagogia Decolonial (WASLH, 2007; CANDAU, 2010) e suas relações com a Educação das Relações Étnico-Raciais.

A investigação desenvolvendo-se através da Pesquisa Documental (OLIVEIRA, 2007). Para tratar os dados coletados utilizaremos a Análise de Conteúdo via Análise Temática (BARDIN, 1977; VALA, 1999) por nos possibilitar acessar os núcleos de sentidos que constituem o nosso objeto.

Diante do exposto e a título de organização, o artigo encontra-se subdivido nas seguintes seções: 1- Discussão Teórica; 2- Metodologia; 3- Resultados e discursões; 4- Conclusões; 5- Referências Bibliográficas.

DISCURSÃO TEÓRICA

Nesta seção discutimos sobre os Estudos Pós-coloniais Latino-americanos. Dentro desses Estudos destacamos os seguintes conceitos: Colonialismo-Colonização, Racialização, Racionalização (QUIJANO 2005, 2007), Colonialidade do Poder, Saber, Ser (QUIJANO, 2005; 2007) e Natureza (WALSH, 2008), Decolonialidade, Diferença Colonial, Pensamento de Fronteira, Desobediência Epistêmica, Interculturalidade Funcional e Crítica, Educação Intercultural Funcional e Crítica e a Pedagogia Tradicional e Decolonial (ESCOBAR, 2005; TUBINO, 2005; WALSH, 2008; 2009).

Os Estudos Pós-coloniais Latino-americanos fomentam discussões/reflexões sobre o processo perverso de colonização-colonialismo ocorrido entre a Europa e a América (MIGNOLO, 2005) que se constituíram enquanto, as duas primeiras identidades continentais

criadas com o advento da Modernidade. A “América se constituyó como el primer espacio/tiempo de un nuevo patrón de poder de vocación mundial y, de ese modo y por eso, como la primera id-entidad de la modernidad” (MIGNOLO, 2005, p. 107).

O processo de Colonização/Colonialismo que ocorre com a invasão da Abya Yala (um dos nomes usados pelos indígenas antes da invasão dos europeus), centra-se em dois pilares: a Racialização e a Racionalização. A Racialização centra-se na construção da ideia de raça (elemento biológico), como construção mental e social, para difundir o novo padrão mundial de poder, evidenciando os sujeitos superiores e inferiores. Nesse sentido, se forja o modelo de sujeito superior, que deve ser seguido, apresentando as seguintes características; o homem, heterossexual, europeu, branco, cristão e urbano. Todos os demais sujeitos que não atendam esses elementos são hierarquizados e classificados como sujeitos inferiores (MIGNOLO, 2005)

Arelada diretamente a Racialização, o processo de Racionalização caminha nessa mesma perspectiva, passando a determinar uma única epistemologia válida. Assim, os povos europeus passam a ser os únicos detentores e legitimadores dos conhecimentos, desconsiderando as demais formas de produzir conhecimentos (QUIJANO, 2007). No entanto, destacamos que o Colonialismo não acabou no momento em que as colônias ficaram independentes de seus colonizadores, passando se materializar e se reconfigurar na Colonialidade, (QUIJANO, 2005), quando hierarquiza, subalterniza e dita os valores tidos como únicos/ verdadeiros (europeu).

A Colonialidade que se desdobra e se materializa em quatro eixos: Poder, Saber, Ser (QUIJANO 2005) e Natureza (WALSH 2008). O eixo da Colonialidade do Poder busca hierarquizar de forma racial os povos entre inferiores e superiores. A partir dessa perspectiva “los indios no eran solamente siervos, como eran esclavos los negros. Eran, ante todo, ‘razas inferiores’ [...] (QUIJANO, 2006, p. 58). Arelado a esta classificação e hierarquização, manifesta-se a Colonialidade do Saber, legitimando uma razão hegemônica, única e eurocêntrica de se produzir conhecimento. Na medida em que o único conhecimento válido é o produzido pelo europeu (colonizador). Todos os elementos epistêmicos, políticos e culturais produzidos pelos povos Indígenas, nessa lógica não é válido.

A lógica da Interculturalidade Funcional e da Interculturalidade Crítica, que se constituem na sociedade se manifestam também pelos processos educativos, Walsh (2008) chamar atenção para a Educação Intercultural Funcional e a Educação Intercultural Crítica. A Educação na perspectiva da Intercultural Funcional vincula-se a uma ideia neoliberal que se

anuncia a favor do “respeito” a diversidade sociocultural. No entanto, tente a folclórizar os saberes e as manifestações culturais dos povos que foram/são historicamente silenciados. No entanto, a Educação fundada na perspectiva da Interculturalidade Crítica se configura enquanto força de questionamento sobre as relações de subalternização impostas aos povos colonizados, a exemplo temos os Povos Indígenas, e Povos Africanos que tem suas marcas identitárias homogeneizadas, em prol a construção da “cultural nacional”.

A discussão de Raça e de Etnia incorporada na Educação das Relações Étnico-Raciais possuem vinculações políticas e epistemológicas com os Estudos Pós-coloniais quando estes realizam uma assimetria invertida, ou seja, escutam mais aquelas e aqueles que historicamente foram silenciadas/os, valorizando seus saberes e suas formas de produzir conhecimento como também suas reivindicações de Raça e de Etnia, em particular, da presença de suas formas de produzir conhecimento nas pesquisas.

Os sujeitos racializados subalternamente tiveram seus espaços de produção cultural e epistêmico silenciados na história pelos grupos sociais hegemônicos. Por isso nossa filiação epistêmica e política aos Estudos Pós-coloniais que têm como um dos seus princípios a elaboração de saberes e de posturas para além das amarras modernas e coloniais através do diálogo com os povos silenciados no processo de colonização/colonialidade. Estes povos assumem papel fundamental na construção de conhecimentos e posturas crítico-propositivos transgressores à episteme moderna. Como afirma Santos (2000), as comunidades periféricas foram um dos espaços menos contaminados e controlados pelo poder de regulação da sociedade e do Estado moderno como também menos influenciados pela episteme moderna e com grande potencial de desobediência civil e epistêmica. Por isso vemos a discussão de Raça e de Etnia imbricada à natureza das Pesquisas. Os sujeitos subalternizados, em especial negros e índios, foram resistindo e se assumindo enquanto corpos políticos de enunciação, reivindicando a sua condição epistêmica na sociedade, encontrando nos espaços, nas formas e nos conhecimentos negados as condições de produzir outros modelos epistêmicos que vão para além dos postulados modernos colonialistas e imperialistas, lutando por uma educação que atenda aos imperativos de uma Educação das Relações Étnico-Raciais.

A posição de resistência e de proposição dos movimentos negros e indígenas reafirma-os enquanto sujeitos de direito, contrapondo-se ao padrão hegemônico branco-eurocentrado. Este padrão que, sob o jugo da Colonialidade do Ser e expresso na normatividade social, impõe às epistemologias Negras e Indígenas a condição de inferioridade, constituídas de sujeitos servis e de favor. Neste caso, A Colonialidade do Ser

não é somente a criação do estereótipo inferior, mas o esforço de torná-lo natural para que haja sua aceitação passiva por parte desses sujeitos. Segundo Mignolo:

la colonización del ser consiste nada menos que en generar la idea de que ciertos pueblos no forman parte de la historia, de que no son seres. Así, enterrados bajo la historia europea del descubrimiento están las historias, las experiencias y los relatos conceptuales silenciados de los que quedaron fuera de la categorías de seres humanos, de actores históricos y de entes racionales (2005, p. 17).

Por isso que a Colonialidade do Ser introduz nos sujeitos historicamente inferiorizados uma condição de não-ser ao implantar processos de naturalização de sua condição de inferioridade. Esse processo de naturalização da inferioridade dos sujeitos perpassa as pesquisas quando reafirma a cultura hegemônica naturalmente como superior e as culturas do negro e do indígena como inferiores ao atrelá-la principalmente ao período da escravidão e da servidão (FERNANDES; PEREIRA; NOGUEIRA, 2005-2006). Nesta linha de pensamento, as pesquisas firmadas na Colonialidade do Ser reforçam o estereótipo das Negras e das Indígenas enquanto sujeitos servis e invisibilizando-as enquanto sujeitos epistêmicos-históricos-sociais-políticos-culturais-econômicos-protagonistas.

Em um movimento contrário, acreditamos que as pesquisas têm se aproximados de perspectivas teóricas outros, possibilitando criar condições para superação da Colonialidade do Ser nas próprias pesquisas. Haja vista que as investigações fundadas nas Teorias Pós-críticas têm denunciado que as pesquisas alinhadas aos Paradigmas Tradicionais têm se comprometido com a disseminação da identidade colonizadora como modelo de ser epistêmico e as identidades colonizadas como modelo de não ser epistêmico. Assim, temos histórica e hegemonicamente pesquisas comprometidas com: a) a construção de identidades subalternizadas (negros, negras, indígenas, dentre outras), firmando a função da pesquisa na Colonialidade do Ser (QUIJANO, 2005); b) a negação da produção de conhecimentos válidos pelos povos e grupos sociais pertencentes aos territórios periféricos, evidenciado a ligação das pesquisas com a Colonialidade do Saber (QUIJANO, 2005).

A Perspectiva Tradicional de Pesquisa está alicerçada numa visão monocultural, reafirmando continuamente a não validade das identidades de certas culturas e a consagração das culturas que pertencem ou herdaram a herança cultural eurocêntrica, branca, masculina e cristã. Nesta lógica, as Culturas Negras ou Indígenas são destituídas da sua condição de validade.

A Pesquisa assentada na Perspectiva Tradicional tende a expressar no conhecimento

científico à subalternização das Culturas Negras e Indígenas. A primeira subalternização se dá na construção da Pesquisa, quando é pensando a partir de uma realidade acadêmica asséptica. A segunda subalternização se dá na constituição de seus sujeitos pensantes, ou seja, a Pesquisa é elaborada enquanto um instrumento técnico feito por especialista que pensam academicamente.

A terceira subalternização ocorre quando tais especialistas usam de procedimento e de critérios de seleção epistêmica que validam epistemes daqueles e daquelas que pertencem às classes e aos grupos sociais hegemônicos. Estas subalternizações se articulam e se atrelam a Colonialidade do Saber e do Ser (QUIJANO, 2005), que se sustenta na negação de outras formas de conhecimento e identidade que não estejam centradas na geopolítica do conhecimento eurocêntrico.

A Perspectiva Tradicional de conceber e realizar pesquisa fundada no eurocêntrico tem a missão de “difundir e consolidar uma cultura comum de base ocidental e eurocêntrica, silenciando e/ou inviabilizando vozes, saberes, cores, crenças e sensibilidades” (CANDAU; RUSSO, 2010, p. 154). Para se contrapor a uma visão eurocêntrica de pesquisa é fundamental que:

Señala y significa procesos de construcción de un conocimiento otro, de una práctica política otra, de un poder social (y estatal) otro y de una sociedad otra; una forma otra de pensamiento relacionada con y contra la modernidad/colonialidad, y un paradigma otro que es pensado a través de la praxis política (WALSH, 2007, p. 47).

Nesta linha de raciocínio, as epistemologias outras não são meras coadjuvantes na constituição sócio-político-cultural-econômica da pesquisa, mas protagonistas nos diálogos epistêmicos na direção de uma perspectiva emancipatória, inclusive de Raça. Sendo assim, as pesquisas, em especial as que tratam da relação étnico-racial na educação, têm a possibilidade de dialogar com os conhecimentos críticos-propositivos transgressores à episteme moderna, no qual a representação e os significados atribuídos ao conhecimento ultrapassem os meros estereótipos eurocêntricos coloniais de conhecimento científico válido.

Nesse sentido, buscamos apresentar os dados quantitativos, frutos dessa pesquisa, em que por meio das análises evidenciamos que no quantitativos de 99 pesquisas realizada na fundaj encontramos apenas cinco que estudaram a Educação das Relações Étnico-raciais, ao discutirem elementos da cultura negra, assim não encontramos pesquisas que abordaram elementos da cultura indígena.

METODOLOGIA

Nesta seção discorreremos no caminho metodológico que constitui a referente pesquisa. Destacamos a abordagem metodológica que faremos uso, o tipo de pesquisa. As fontes documentais da pesquisa que constituem o nosso campo empírico e os procedimentos de análises.

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender a contribuição das pesquisas da Fundaj sobre a Relações Étnico-Raciais na Educação (formal e informal). Os objetivos específicos são: a) identificar e caracterizar os problemas, os objetos, os sujeitos e campos empíricos das pesquisas; b) identificar e caracterizar os marcos teóricos das pesquisas; c) analisar os principais achados das pesquisas. Visando atender aos objetivos propostos nos aproximamos da abordagem metodológica de cunho qualitativo que “além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação” (MINAYO, 2010, p. 21).

No que diz respeito o tipo de pesquisa, fizemos uso da Pesquisa Documental, que segundo Oliveira: “caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico” (2007, p.69). Portanto, compreendemos que as pesquisas da Fundaj são fontes documentais propícios a análises. No que se refere às fontes documentais, utilizamos pesquisas realizadas pela Fundaj nos últimos 12 anos, pois o levantamento feito pela instituição não corresponde a 10 anos.

Para a análise dos dados utilizaremos a Análise de Conteúdo via Análise Temática (BARDIN, 1977, VALA, 1999), por nos possibilitar trata da construção de uma rede de sentido e de significados em torno da temática em questão. Como também “a finalidade da Análise de Conteúdo será, pois efetuar inferências com base numa lógica explicitada, sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas” (VALA, 1999, p.104).

Para o desenvolvimento da técnica da Análise de Conteúdo via Análise Temática (BARDIN, 1977, VALA, 1999), utilizaremos as três fases: pré-análise, exploração do material, tratamento e inferências. No primeiro momento, analisamos o levantamento feito pela instituição, em que foram realizadas 99 pesquisas no período investigado que corresponde a 12 anos. No segundo momento (com a exploração do material) em que selecionamos quais pesquisas trabalharam com questões das Relações Étnico-raciais, esta

foram:³**1-Gilberto Freyre e o impacto sócio-religioso do 1o. Congresso Afro-Brasileiro**, Autor -Eduardo de Aquino Fonseca, Ano- 2001; **2-À Flor da Pele – A violência do preconceito dirigido às crianças negras na escola – Educação e Racismo: a representação do negro no espaço escolar**, Autora- Waléria Menezes, Ano-2003; **3-No Ressoar dos Tambores: práticas e representações na história dos maracatus-nação no Recife (1920-1960)**, Autora -Sylvia Couceiro Ano-2006,**4- Negritude e Africanidade: identidade negra e candomblé nas políticas públicas em Pernambuco e Bahia**, Autor- Ronaldo Sales Júnior, Ano- 2009; **5-, Kossi Ewé Kossi Orixá: Percepções sobre a natureza entre adeptos das religiões afro-brasileiras em Recife e João Pessoa**, (Diretoria de pesquisas sociais- DIPES, coordenação-geral de estudos sociais e culturais) Autora- Rosalira dos Santos Oliveira, Ano-2010;**6- Transmissibilidade Intergeracional, Pobreza e Desigualdade Racial: visões e percepções**, Autor- Henrique Guimarães, Ano-2011. Em seguida, nos debruçamos sobre os dados, onde realizamos a caracterização e quantificação das imagens referente à Educação das Relações Étnico-Raciais, inferindo também nossas compreensões, nossas inferências.

RESULTADOS E DISCURSÕES

Os resultados apontam um quantitativo de 6 pesquisas que discutiram o tema em questão (Educação das Relações Étnico- Raciais). Observamos que os sujeitos, objetos e campos empíricos das pesquisas analisadas são aqueles e aquelas que foram historicamente silenciados. Sobre os sujeitos investigados, eles estão ligados a dois territórios: o primeiro diz respeito ao território da ancestralidade africana os quais se referem os povos de terreiros e maracatus; o segundo trata das crianças, jovens e professores de escolas de periferia. Estes elementos analisados das pesquisas são referentes ao que os autores chamam de Diferença Colonial, ou seja, mesmo com a tentativa da Colonialidade intencional homogeneizar os sujeitos subalternizados e seus territórios, as pesquisas evidenciam a luta pela garantia do direito à diferença.

Destacamos também que as pesquisas que tratam das temáticas ligadas à ancestralidade têm como campo empírico o espaço não escolar. Tais pesquisas focam na discussão da religiosidade de matriz africana e sua relação com a natureza e com as políticas públicas e de identidade. Notamos aqui uma aproximação das pesquisas com a preocupação

³ Estas pesquisas foram realizadas por professores doutores, que fazem parte do programa de pesquisas da Fundaj, nos seguintes departamentos: diretoria de pesquisas sociais- DIPES coordenação-geral de estudos sociais e culturais; Instituto de Pesquisas Sociais da Fundação Joaquim Nabuco.

da Decolonialidade da Natureza, pois busca compreender a relação espiritual entre o ser humano e a natureza, ao contrário da perspectiva da Colonialidade da Natureza (WALSH, 2008).

Destacamos ainda a discussão sobre o racismo no espaço escolar, tendo como campo empírico as escolas de periferia (territórios da Diferença Colonial) e focadas em compreender a situação de crianças, jovens e professores diante do racismo escolar. Tais pesquisas colocam em questão a falsa ideia da Democracia Racial tão propagada no Brasil. Estes estudos deixam claro o processo de racialização que o povo brasileiro passou e a Herança Colonial que ainda está bem presente. Em confronto com a ideia de Democracia Racial, fica evidenciado nas pesquisas o racismo enquanto elemento constitutivo da sociedade brasileira e sua presença no âmbito escolar.

Os principais achados das pesquisas que se materializaram no ambiente não escolar, apontam que as religiões de matriz africanas aparecem como religiões ecológicas por sua ligação com a natureza e com uma de suas características a participação ativa de seus membros sujeitos, sobre o ambiente escolar as mesmas trazem que neste espaço a presença da Colonialidade do Poder quando há valorização do padrão branco\ europeu, a ideologia do embranquecimento dos caracteres físicos como: o alisamento do cabelo, plástica no nariz e boca, etc das crianças e jovens negros.

As pesquisas na escolha dos seus campos e sujeitos se aproximam da Perspectiva Pós-Colonial de Pesquisa, questionam os processos euro-urbanocêntricos e raciais de seleção e de legitimação de objetos, como também coloca em questão a forma que se produz conhecimento científico, respeitando pluralidade epistemológica e identitária para melhor dialogar com as diferenças.

Ainda sobre as análises das pesquisas, identificamos que os principais marcos teóricos utilizados como referências das pesquisas em questão, destacam-se as Teorias Críticas tendo como principal corrente teórica o Marxismo e nas Não-Críticas temos como referência a Antropologia Social que focam seus estudos nas religiões afro-brasileiras.

Visualizamos uma predominância da teoria marxista utilizada nas pesquisas, sobre este pensamento não podemos negar sua poderosa análise da lógica do capitalismo na sociedade moderna, os conflitos de classes e a organização produtiva. Esta Teoria não problematizou com profundidade as discussões de raças e os estudos sobre relações raciais vão muito além da consciência das desigualdades de classes.

Ressaltamos que a Teoria Marxista serviu de base para os Estudos Culturais e

Multiculturalismo que incluíram em suas análises, por exemplo, as questões de gêneros, raça e etnias. Mesmo as pesquisas não se utilizando das chamadas Epistemologias do Sul, como é o caso dos Estudos Pós-coloniais, as mesmas, ao nosso ver, tem em suas reflexões e resultados uma aproximação das discussões sobre Colonialidade e Decolonialidade.

CONCLUSÕES

No decorrer deste trabalho procuramos identificar e caracterizar os objetos, os sujeitos, os campos empíricos e os marcos teóricos das pesquisas e por fim analisar os principais achados das pesquisas da Fundaj, uma vez que estas trazem discussões sobre a Educação das Relações Étnico-Racial.

Desse modo, identificamos a partir da categorização que os sujeitos, os objetos e os campos empíricos das pesquisas analisadas são aqueles e aquelas que foram historicamente silenciados e racializados, pois os sujeitos investigados estão ligados a dois territórios: o primeiro diz respeito ao território da ancestralidade africana os quais se referem os povos de terreiros e maracatus; o segundo trata das crianças e jovens negras de escolas de periferia.

As pesquisas em questão trazem elementos dos povos negros que se aproximam da Decolonialidade e da Diferença Colonial, ou seja mesmo com a tentativa da Colonialidade de reafirmar continuamente a não validade das identidades de certos povos que não pertencem ou não herdaram a herança cultural eurocêntrica, branca, masculina e cristão, evidenciamos nas pesquisas que há um reconhecimento desses sujeitos seja nos aspectos das religiões, como no espaço escolar das periferias, mesmo ainda estando permeado pelo racismo e pela Colonialidade do Poder quando há valorização do padrão branco\européu.

Entretanto, no que se refere aos marcos das pesquisas teóricos evidenciamos que a predominância de teorias eurocêntricas sobre qual destaca-se o Marxismo. Destacamos que, mesmo havendo a maioria de autores brasileiros usados como referencias, estes ainda se utilizam dessas de teorias de matriz europeia, não dialogando as Epistemologias do Sul.

Evidenciamos a importância de realizarmos análises sobre pesquisas na busca de contribuir no processo de Decolonização dos currículos/práticas que historicamente foram fundantes para seguir a lógica colonial/eurocêntrica.

Por fim, as análises sobre as pesquisas das Fundaj mostram um avanço sobre a produção de acadêmica que tratam de questões raciais, mesmo não dialogando com as chamadas Epistemologias do Sul, pois as mesmas se distanciam da Perspectiva de Pesquisas Tradicional que tende a expressar no conhecimento científico à subalternização das Culturas Negras e Indígenas. Notamos, assim, uma aproximação tímida com as preocupações da

Perspectiva de Pesquisa Pós-Colonial ao expressar um conhecimento constituído da pluralidade epistemológica e identitária para melhor se dialogar com as diferenças constituintes da realidade. Diante do exposto, resta-nos saber quais contribuições pedagógicas dessas pesquisas para a Educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CAETANO, Marcelo José. Itinerários Africanos: do colonial ao Pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa. **Revista de História e Estudos Culturais**. Uberlândia, MG: Universidade Federal de Uberlândia; Uberlândia, v. 4 n° 2, abr./maio./Jun2007. Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF11/Dossie.artigo.6_Marcelo.Jose.Caetano.pdf. Acesso em: 07 agos. 2015.
- CASTILLO, Madeleine Zúñiga; MALLET, Juan Ansión. **Interculturalidad y educación en el Peru**. Lima: Foro Educativo, 1997.
- COUCEIRO Sylvia. **No Ressoar dos Tambores: práticas e representações na história dos maracatus-nação no Recife (1920-1960)**. Editora: Fundaj Recife-PE, 2006.
- ESCOBAR, Arturo O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento? In. LANDER, Edgardo (Org.). **A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e Ciências Sociais**. Trad. Júlio César Casarin Barroso Silva. 3 ed. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 227-278.
- FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Civilização Brasileira, 1968.
- FONSECA, Eduardo de Aquino. **Gilberto Freyre e o impacto sócio-religioso do 1o. Congresso Afro-Brasileiro**. Editora: Fundaj Recife-PE, 2001.
- GUIMARÃES, Henrique. **Transmissibilidade Intergeracional, Pobreza e Desigualdade Racial: visões e percepções**. Editora: Fundaj Recife -PE, 2011.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. - Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- JUNIOR, Sales Ronaldo. **Africanidade: identidade negra e candomblé nas políticas públicas em Pernambuco e Bahia**. Editora Fundaj, 2009.
- MENEZES, Waléria: **À Flor da Pele – A violência do preconceito dirigido às crianças negras na escola – Educação e Racismo: a representação do negro no espaço escolar**. Editora Fundaj, 2003.
- MIGNOLO, Walter. **Desobediência Epistêmica: a opção decolonial e o significado de**

identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Literatura, língua e identidade, Rio de Janeiro, n.º. 34, 2008, pp. 287-324.

MINAYO, Maria. Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2010.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Rosalira dos Santos. **Kossi Ewé Kossi Orixá: Percepções sobre a natureza entre adeptos das religiões afro-brasileiras em Recife e João Pessoa**. Editora Fundaj, Recife-PE 2010.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder y Clasificación Social. In. CASTRO-GÓMEZ, S. y GROSGOUEL, R. (Org.) **El Giro Decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007, p. 93-126.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. In. LANDER, Edgardo (Org.). **A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e Ciências Sociais**. Trad. Júlio César Casarin Barroso Silva. 3 eds., Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 227-278.

TUBINO, Fidel. La **interculturalidad crítica como proyecto ético-político**. Encuentro continental de educadores agustinos, Lima, enero, 2005, pp. 24-28.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, plurinacionalidad y decolonialidad: las insurgências político-epstémicas de refundar el Estado. **Revista Tabula Rasa**, n. 9, 2008.